

# João Guimarães Rosa e os maçaricos: do maçarico-de-coleira (*Charadrius collaris*) ao maçarico-esquimó (*Numenius borealis*)

*Luiz Otávio Savassi Rocha*

Professor Adjunto do Departamento de Clínica Médica da FM-UFMG

*"Amar os animais é aprendizado de humanidade."*

(Frase inscrita no pórtico do Zoológico de Hamburgo,  
citada por J. Guimarães Rosa em AVE, PALAVRA)

*"O saber que o artista gera tem a mesma importância*

*que o saber que o artista produz."*

Arlindo Daibert (1952 - 1993)

João Guimarães Rosa deixa transparecer, em sua obra, um sentimento verdadeiramente religioso pela Natureza, incluídos as plantas, os animais e, em particular, as aves. Aliás, na novela **O recado do morro** (NO URUBÛQUAQUÁ, NO PINHÉM), passada, toda ela, em Cordisburgo e arredores, o escritor, ao criar a figura ímpar de "Seu Alquiste" – "espigo, alemão-rana, com raro cabelim barba-de-milho e cara de barata descascada" –, presta uma carinhosa homenagem aos naturalistas europeus que, sobretudo no século passado, a partir da abertura dos portos, em 1808, percorreram o Brasil, imbuídos, muitas vezes, do mesmo sentimento, e o redescobriram.(1) A reação de Seu Alquiste (por quem Guimarães Rosa parecia nutrir forte simpatia) diante da prosaica visão da cauda de um galináceo, dá a medida exata de seu deslumbramento frente à exuberante natureza tropical:

"Uma hora, revirou a correr atrás, agachado, feito pegador de galinha, tropeçando no bamburral e espichando tombo, só por ter percebido de relance, inho e zinho, fugido no balango de entre as moitas, o orobó de um nhambu."

Embora partindo, quase sempre, da realidade objetiva – sua matéria-prima –, Guimarães Rosa procura, ao se referir às aves – como a tudo mais em sua obra –, privilegiar a dimensão poética. Ademais, na dependência do contexto e/ou do clima que pretende criar, ele o faz ora de forma descritiva, analítica, ora de forma sintética. Assim, por exemplo, quando o tema é o vôo do pica-pau, a opção, em **Buriti** (NOITES DO SERTÃO), é pela primeira alternativa:

"Como Miguel e nhô Gualberto Gaspar ficavam a ver, quando passava um

picapau-da-cabeça-vermelha, em seu vôo de arranco: que tatala, dando impulso ao corpo, com abas asas, ganha velocidade e altura, e plana, e perde-as, de novo, e se dá novo ímpeto, se recobra, bate e solta, bate e solta, parece uma diástole e uma sístole – um coração na mão –; já atravessou o mundo."

Já em **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**, a opção recai na segunda alternativa: "Picapau voa é duvidando do ar" – tudo resumindo, em frase lapidar.

Como o título do presente ensaio procura estabelecer uma relação entre Guimarães Rosa e os maçaricos (designação comum a diversas aves limícolas pertencentes às famílias Charadriidae e Scolopacidae),(2) importa, preliminarmente, situar tais aves no contexto das aves em geral para, em seguida, focalizar as duas espécies – *Charadrius collaris* e *Numenius borealis* – destacadas entre parênteses.

O conjunto das aves constitui a classe, dividida em duas subclasses: Archaeornithes (aves ancestrais) e Neornithes (aves verdadeiras). A subclasse Archaeornithes é representada por *Archaeopteryx lithographica*, que viveu no Jurássico Superior, há cerca de 150 milhões de anos, e que testemunha a evolução das aves a partir dos répteis, de modo que se não fosse pela presença de penas, identificar-se-ia com um pequeno celurossauuro.(3) A subclasse Neornithes inclui alguns representantes fósseis, do cretáceo (como *Hesperornis* e *Ichthyornis*) e todas as aves atuais, divididas, por sua vez, em numerosas ordens (perto de três dezenas). Costuma-se separar a grande ordem Passeriformes (*Passeres*), à qual pertencem cerca de 60% das aves existentes (em geral de pequeno porte), das aves restantes, cujos representantes (em geral de médio e grande porte) recebem, em conjunto, o nome de não-Passeriformes. No presente ensaio, merecerão destaque especial os não-Passeriformes da ordem Charadriiformes, particularmente aqueles pertencentes à subordem Charadrii, que engloba nove famílias, incluídas as já citadas acima – Scolopacidae e Charadriidae.

Da família Scolopacidae existem, no Brasil, apenas duas espécies residentes (as demais são visitantes): (4) a narceja (*Gallinago gallinago*) e o narcejão (*Gallinago undulata*), conhecido, em Minas Gerais, por água-só; ambas as espécies são paludícolas e famosas pelo ruído que produzem ("música instrumental") durante seus vôos nupciais crepusculares (no caso de *Gallinago gallinago*, o ruído, semelhante a um "balido caprino", é produzido pelas rijas retrizes externas, que permanecem esticadas lateralmente, e modulado por meio de curtos movimentos das asas). Entre os representantes da família Charadriidae, há três espécies residentes no Brasil: o maçarico-de-esporão (*Hoploxypterus cayanus*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*) e o maçarico-de-coleira (*Charadrius collaris*). As duas primeiras são providas de um esporão vermelho que permanece oculto sob a plumagem, sendo exibido a rivais ou inimigos com um alçar de asa ou em pleno vôo, durante os confrontos ligados à defesa do território ou das crias.(5) O maçarico-de-coleira (*Charadrius collaris*) é conhecido, também, por agachada, agachadeira, ituí-tuí, batuí-tuí e batuira-de-coleira (do tupi *mba'é* = coisa, bicho + *tu'ira* = pardo, cinzento), sem falar nas variantes "sassarico" e "dã-dã" (denominação indígena), recentemente garimpadas por José Carlos Savassi Rocha (comunicação pessoal) em viagem ao Rio Araguaia (região da Ilha do Bananal). Curiosamente, porém, os tratados de Ornitologia e, até mesmo, uma obra que registra cerca de 7.000 nomes utilizados pelo povo brasileiro para identificar cerca de 2.800 formas diferentes de aves nacionais já classificadas,(6) não menciona uma alcunha pela qual a referida espécie é, ainda hoje, conhecida na Região Norte de Minas Gerais, ao longo da

bacia do Rio São Francisco. Trata-se da denominação "manuelzinho-da-croa", utilizada por Guimarães Rosa em **GRANDE SERTÃO: VEREDAS** (publicado em 1956),(7) para referir-se àquele que é, no entendimento de Reinaldo (Diadorim), "o passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaixo e rio-acima". Tanto assim que o velho Riobaldo, aposentado, convertido em *homo cogitandi* e entregue "ao gosto de especular idéia", inclui a graciosa ave ribeirinha (que aprendera a admirar com o próprio Diadorim) ao evocar, a certa altura da narrativa, as lembranças que lhe são mais caras:

"Somente que me valessem, indas que só em breves e poucos, na idéia do sentir, uns lembrares e substâncias. Os que, por exemplo, os seguintes eram: a cantiga de Siruiz, a Bigri minha mãe me ralhando; os buritis dos buritis – assim aos cachos; o existir de Diadorim, a bizarrice daquele pássaro galante: o manuelzinho-da-croa; a imagem de minha Nossa Senhora da Abadia, muito salvadora; os meninos pequenos, nuzinhos como os anjos não são, atrás das mulheres mães deles, que iam apanhar água na praia do Rio de São Francisco, com bilhas na rodilha, na cabeça, sem tempo para grandes tristezas; e a minha Otacília."

O ponto de vista de que o nome popular "manuelzinho-da-croa" refere-se à espécie *Charadrius collaris* é defendido, há mais de uma década – comunicação pessoal –, pelo Prof. Ney Carnevalli, docente (aposentado) do Departamento de Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, com a autoridade de quem é, sem favor algum, um dos mais importantes ornitólogos brasileiros, tendo estudado exaustivamente, *in loco*, a avifauna nacional, em particular no Estado de Minas Gerais (569 municípios percorridos em 28 anos de atividades).(8) Tal ponto de vista – privilegiado neste ensaio – parece irrefutável, sendo reafirmado, recentemente, pelo respeitado professor, após uma viagem ao município de Manga (MG), situado junto à divisa com a Bahia (microrregião São-franciscana de Januária). Não obstante, nunca é demais assinalar a confusão reinante quando o assunto em pauta é a identificação precisa das numerosas espécies de aves brasileiras a partir dos nomes populares pelos quais são conhecidas de norte a sul do país. O estudioso defronta-se, nesse caso, com, pelo menos, dois tipos de dificuldade. De um lado, o mesmo nome vulgar é utilizado para identificar representantes de espécies (e até gêneros) diferentes. Assim, o anu-branco (*Guira guira*), ave não-Passeriforme, cuculiforme (família Cuculidae), provida, segundo Eurico Santos,(9) de um "topete, pardo-amarelado, arrepiado quase sempre, e maiormente quando solta o seu aflautado e melancólico apelo", é conhecido, no Rio Grande do Sul, por alma-de-gato, nome usualmente utilizado, em outras regiões do país, para identificar a espécie *Piaya cayana*, ave vistosa, da mesma família, que lembra um caxinguelê, quando desliza pela ramagem, e que imita, à sua maneira, a voz das outras aves.(10) Por outro lado, nomes distintos são amiúde utilizados para identificar a mesma ave, como ficou claro no caso da espécie *Charadrius collaris* (ver acima). É o caso, também, dos caprimulgiformes da família Nyctibiidae, gênero *Nyctibius* (espécie mais comum: *Nyctibius griseus*), conhecidos por mãe-da-lua ou urutau (do tupi, *uirá-tau-í* = ave fantasma).(11)

Em meados do século passado – bem antes, portanto, de Guimarães Rosa –, um outro autor faz referência, ainda que de passagem, ao manuelzinho-da-croa (ou manuelzinho-da-coroa), numa prova de que tal denominação não foi cunhada pelo escritor cordisburguense : trata-se do diplomata e explorador inglês Sir Richard Francis Burton, em seu livro **EXPLORATIONS OF THE HIGHLANDS OF THE BRAZIL; with a full account of the gold and diamond mines. Also, canoeing down 1.500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea** (London: Tinsley Brothers, 1869), no qual registra a memorável viagem que realizou, de canoa, de Sabará (MG) ao Oceano Atlântico, em 1867.(12) Burton teria avistado a ave, tomando conhecimento do nome utilizado pela

população ribeirinha para designá-la, no dia 14 de setembro, por volta das 17 horas, quando ainda navegava pelo Rio das Velhas, mas já ao final deste, bem próximo à sua confluência com o São Francisco (Barra do Guaicuí), que seria atingido no dia seguinte:

"Pela primeira vez, encontramos grande quantidade de aves na coroa.(13) O necrófago urubu, indiferente às carabinas, abre as asas ao sol e parece ter as costas prateadas. Pequenas 'Charadriidae' saltitavam alegres na areia, juntamente com o manuelzinho-da-croa (*Scolopax*), de pernas vermelhas, muito parecido com o nosso maçarico."

A julgar pelo trecho acima, o manuelzinho-da-croa ("de pernas vermelhas") pertenceria, segundo o explorador inglês, à família Scolopacidae (14) e não à família Charadriidae (Burton, indevidamente, escreve, no mesmo trecho, Charadriidae). Ora, como já se viu, existem, na condição de aves residentes, apenas dois representantes dos escolopacídeos no Brasil: a narceja e o narcejão (água-só). Quanto aos maçaricos da mesma família, são, todos eles, visitantes e, morfológicamente, distintos do manuelzinho-da-croa, a começar pela coloração das pernas, que são (obviamente) amarelas no caso do maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*), verde-amareladas no caso do maçariquinho (*Calidris minutilla*) e negras no caso do maçarico-rasteirinho (*Calidris pusilla*). No que concerne ao gênero *Scolopax*, citado de forma explícita, torna-se difícil dar razão ao explorador inglês, pelo menos à luz da moderna taxonomia. Isso porque os representantes de tal gênero – conhecidos, em língua inglesa, por **american woodcock** (*Scolopax minor*) e **eurasian woodcock** (*Scolopax rusticola*) –, além de não fazerem parte da avifauna nacional (incluídas as aves visitantes), assemelham-se mais a uma narceja (gênero *Gallinago*) do que propriamente a um maçarico.

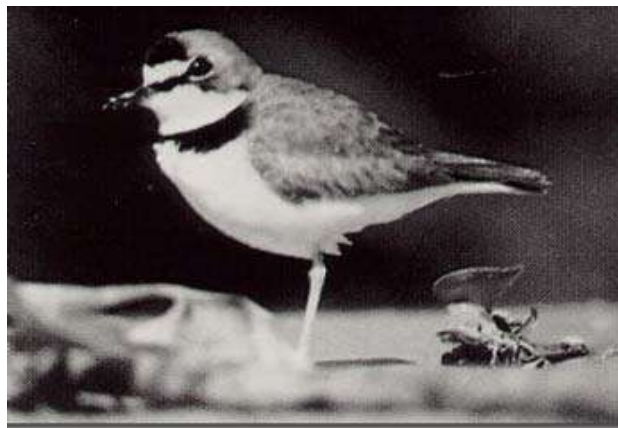
Assim sendo, parece inegável que o capitão Sir Richard F. Burton se equivocou na tentativa de identificação do manuelzinho-da-croa; no entanto, por insuficiência de dados, evitar-se-ão, neste ensaio, digressões a respeito das possíveis causas de seu equívoco.

Mencionado por Guimarães Rosa em GRANDE SERTÃO: VEREDAS, exatamente 87 anos depois da publicação de EXPLORATIONS OF THE HIGHLANDS OF THE BRAZIL, o manuelzinho-da-croa – "o mimoso pássaro que ensina carinhos" – tem desafiado a argúcia daqueles empenhados em identificá-lo, de modo a ensejar interpretações totalmente equivocadas.(15) De acordo com o já citado parecer do Prof. Ney Carnevalli, trata-se do chamado maçarico-de-coleira – **collared plover**, em inglês –, correspondendo, por conseguinte, à espécie *Charadrius collaris* (Vieillot, 1818),(16) encontrada do sul do México à Argentina, incluído todo o território brasileiro.(17) Representante da família Charadriidae, a ave, assim entendida, mede cerca de 15 cm de comprimento, tem o bico preto, as pernas rosadas e, a justificar a denominação maçarico-de-coleira, exibe uma faixa preta no peito;(18) a parte superior do corpo é castanho-acinzentada, mais ou menos marchetada de canela (em especial ao nível do vértice e da nuca) e a parte inferior é branca (fig 1 e 2).



**Fig. 1** - *Charadrius collaris* (adulto): chama a atenção a faixa preta no peito, de modo a justificar a denominação "maçarico-de-coleira" ou "batuíra-de-coleira".

Foto batida no Pantanal mato-grossense por Haroldo Palo Júnior, renomado fotógrafo naturalista radicado em São Carlos, SP.



**Fig. 2** - *Charadrius collaris* (adulto): esta fotografia acha-se reproduzida, também, no livro AVES SILVESTRES: MINAS GERAIS (Belo Horizonte: Conselho Internacional para a Preservação das Aves, 1992), de autoria de Marco Antônio de Andrade.'

Foto batida no Pantanal mato-grossense por Haroldo Palo Júnior, renomado fotógrafo naturalista radicado em São Carlos, SP.

Habita as praias costeiras, as savanas arenosas e as margens dos rios e lagoas do interior, alimentando-se, principalmente, de insetos e crustáceos.(19) Como ensina o Prof. Helmut Sick,(20) costuma andar "aos casais durante todo o ano", demonstrando seu nervosismo "por uma genuflexão". Na visão bem-humorada de Eurico Santos:(21) "Muito curiosa é a atividade

deste praieiro. Vive às carreiras, mas, de contínuo, faz súbitas paradas e lá vai de novo correndo e parando, como se tivesse o intento de nos divertir. Na realidade, está granjeando a vida na farta mesa que a praia lhe oferece." Ademais, a exemplo do que acontece com outros charadriídeos, é bastante singular o comportamento dos adultos quando são ameaçados no ninho: fingem-se de feridos, na tentativa de desviar dali o inimigo. Na verdade, não há um ninho propriamente dito: os ovos, semelhantes a uma pêra – configuração que lhes possibilita rolar em torno do próprio eixo –, são depositados diretamente numa cavidade esgravada no solo arenoso, confundindo-se com o mesmo devido à sua peculiar coloração (presença, na superfície, de manchas pardo-amarronzadas, sobre um fundo castanho-claro). (Figs 3, 4 e 5).



**Fig. 3 - *Charadrius collaris*: filhotes no ninho.**

Foto batida no Pantanal mato-grossense por Haroldo Palo Júnior, renomado fotógrafo naturalista radicado em São Carlos, SP.



**Fig. 4 - *Charadrius collaris*: ovos de aspecto piriforme depositados em ninho rudimentar**

**(cavidade esgravatada no solo arenoso).**

Foto batida no Pantanal mato-grossense por Haroldo Palo Júnior, renomado fotógrafo naturalista radicado em São Carlos, SP.



**Fig. 5 - Marca do pé direito de Haroldo Palo Júnior em banco de areia do Rio Taquari: na depressão correspondente ao calcanhar - convertida numa espécie de ninho improvisado -, foram depositados dois ovos de *Charadrius collaris*.**

Foto batida no Pantanal mato-grossense por Haroldo Palo Júnior, renomado fotógrafo naturalista radicado em São Carlos, SP.

Partindo-se do pressuposto de que a designação popular "manuelzinho-da-croa" refere-se à espécie *Charadrius collaris*, a descrição (sumária) que Guimarães Rosa faz da ave, em seu famoso romance (ver adiante), merece uma pequena ressalva no que concerne à cor das pernas, que se aproxima mais do róseo-claro do que, propriamente, do vermelho; quanto ao posicionamento das mesmas – "esteiadas muito atrás traseiras" –, não há o que contestar, valendo lembrar que essa característica é compartilhada por outros charadriiformes, tanto da família Charadriidae (p. ex. *Charadrius semipalmatus*), quanto da família Scolopacidae (p. ex. *Calidris alba*).

Estando em companhia de Diadorim, às margens do Rio das Velhas, afluente da margem direita do São Francisco, assim se expressa Riobaldo, protagonista de **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**:

"O rio, objeto assim a gente observou, com uma croa de areia amarela, e uma praia larga: manhãzando, ali estava recheio em instância de pássaros. O Reinaldo mesmo chamou minha atenção. O comum: essas garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburu; o pato-verde, o pato-preto, topetudo; marrequinhos dansantes; martim-pescador; mergulhão; e até uns urubus, com aquele triste preto que mancha. Mas, melhor de todos – conforme o Reinaldo disse – o que é o passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaixo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-croa.

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vôos e pousoação.(22) Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: — 'É formoso próprio..' – ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P'ra e p'ra, os bandos de patos se cruzavam. — 'Vigia como são esses..' Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. — 'É aquele lá: lindo!' Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquiniquim – a galinholagem deles. — 'É preciso olhar para esses com um todo carinho..' – o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem d'armas, brabo bem jagunço – eu não entendia!"

No decorrer do romance, Riobaldo refere-se outras vezes ao manuelzinho-da-croa, sendo que, já quase ao final do mesmo, ele o faz evocando as "belas croas de areia" do Rio Urucuia, afluente da margem esquerda do São Francisco:

"O Urucuia, perto da barra, também tem belas croas de areia, e ilhas que for-ma, com verdes árvores debruçadas. E a lá se dão os pássaros: de todos os mes-mos prazentes pássaros do Rio das Velhas, da saudade – jaburu e galinhol e garça-branca, a garça rosada que repassa em extensos no ar, feito vestido de mulher... E o manuelzinho-da-croa, que pisa e se desempenha tão catita – o manuelzinho não é mesmo de todos o passarinho lindo de mais amor?..."

Vivendo "sempre em casal", o manuelzinho-da-croa poderia ser visto, de acordo com o saudoso artista plástico Arlindo Daibert (23) (comunicação pessoal), como o "animal totêmico da fidelidade conjugal". Com efeito, no contexto do romance **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**, a relação entre o jagunço Riobaldo e a "donzela-guerreira" Diadorim ("aquela que só depois de morta foi mulher") é marcada, entre outras coisas – e a exemplo do que sói acontecer numa relação conjugal –, pela exigência de exclusividade por parte de Diadorim. Aliás, nunca é demais lembrar que, na obra rosiana, os menores detalhes são, quase sempre, fortemente carregados de significação, como adverte o próprio Riobaldo em seu longo monólogo-diálogo: "Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa."

No livro **ANDORINHA, ANDORINHA**, de Manuel Bandeira, publicado em 1966, são reproduzidas, sob o título **Rosa em três tempos**, três crônicas escritas pelo poeta pernambucano

entre julho de 1958 e junho de 1961. Na primeira delas, datada de 30/VII/1958, Manuel Bandeira acusa a oferta que lhe fizera Guimarães Rosa de sua primorosa tradução de **O ÚLTIMO DOS MAÇARICOS** (*Last of the curlews*), romance condensado de Fred Bodsworth (um dos diretores da Fundação de Naturalistas de Ontário, Canadá), incluído no volume VI (1958) da **Biblioteca de Seleções do *Reader's Digest*** (publicado, no Brasil, pela Editora Ypiranga S. A., Rio de Janeiro). Em agradecimento, Manuel Bandeira dedica uns versos ao autor de GRANDE SERTÃO: VEREDAS, enaltecendo-o e, na condição de membro da Academia Brasileira de Letras desde 1940, dizendo de seu desejo de sabê-lo candidato a uma vaga na Casa de Machado de Assis, para que pudesse lhe dar seu voto:

"Não permita Deus que eu morra Rosa dos seus e dos outros,  
Sem que ainda vote em você; Rosa da gente e do mundo,  
Sem que, Rosa amigo, toda Rosa de intensa poesia,  
Quinta-feira que Deus dê, De fino olor sem segundo;  
Tome chá na Academia Rosa do Rio e da Rua,  
Ao lado de vosmecê, Rosa do sertão profundo!"

Guimarães Rosa retruca com versos rimados, tentando esquivar-se e dizendo, entre outras coisas:

"Eleição espanta a gente;  
E só penso nisso a custo:  
Constrange-me o 'aurisplendente'  
E o processus me dá susto."

Com o que não concorda o bardo pernambucano, invocando a intermediação do próprio maçarico (!) e do menino-poeta Miguilim, figuras tão caras ao escritor cordisburguense:

"Respondo a Guimarães Rosa  
Em pé de romance assim:  
Vou pedir ao Maçarico,  
Vou pedir a Miguilim  
Que ao mano Rosa eles digam:  
— 'Rosa, não seja ruim.  
Faça a vontade do bardo,  
Ainda que bardo chinfrim!  
E eu secundo: Mano Rosa,  
Rosa, rosai, rosae, rosae,  
Vou aos meus dias pôr um fim.  
Antes, porém, me prometa,  
Pelo Senhor do Bonfim,  
Que à minha futura vaga  
Você se apresenta, sim?  
Muito saudar a Riobaldo,  
Igualmente a Diadorim!"

Na segunda crônica, datada de 22/I/1961, Manuel Bandeira dá conta da forte tendência perfeccionista de Guimarães Rosa (e da angústia daí decorrente), reproduzindo o que este lhe

confidenciara ao se referir ao compromisso recém-assumido de enviar, semanalmente, uma colaboração para o jornal O GLOBO:

"Nunca se acaba de corrigir. O meu desejo é então continuar a corrigir até o fim da minha vida. Mas há que entregar os originais. E no dia seguinte recomeçar coisa nova."(24)

Pois bem, essa forte tendência perfeccionista, como não poderia deixar de ser, manifestou-se, com a intensidade de sempre, no caso da tradução para o português de O ÚLTIMO DOS MAÇARICOS. Nas palavras de Manuel Bandeira:

"Eu sabia que era assim com Rosa. Sabia do que se passou com ele quando foi convidado a traduzir para Seleções um romance condensado. Era a história de um pássaro. Rosa mandou vir dos Estados Unidos o romance completo. Mandou vir também tratados de Ornitologia. Fez a tradução, reescreveu-a cinco vezes. No fim saiu obra perfeita, coisa que não era no original. Mas Rosa gastou muito mais do que ganhou.

No caso de O GLOBO deve estar sucedendo o mesmo. Escrever para jornal é como escrever na areia. Rosa não escreve na areia: Rosa grava na pedra. Para a eternidade. Assim, o que Rosa está fazendo em O GLOBO é, capítulo a capítulo, mais um livro, digno de ficar junto de **SAGARANA, CORPO DE BAILE e GRANDE SERTÃO: VEREDAS.**"

O protagonista do romance de Fred Bodsworth é o maçarico-esquimó (*Numenius borealis*), espécie canadense da família Scolopacidae, em processo de extinção desde o final do século passado (segundo o Prof. Helmut Sick, os últimos registros da espécie remontariam à década de 70), (25) mas que, antigamente, na condição de migrante setentrional, era observada comumente no interior do Brasil, tendo sido documentada, entre setembro e novembro, no Amazonas, em Mato Grosso e em São Paulo.

Capazes de atingir a velocidade de 50 milhas por hora, os representantes da espécie medem cerca de 33 cm (o dobro do manuelzinho-da-croa) e têm o bico recurvo para baixo, como se fosse uma pequena foice. Como ensina o próprio Fred Bodsworth, os caçadores da Nova Inglaterra costumavam apelidá-los de "pássaros massa-de-pão" pela impressão que transmitiam, no outono, com os peitos gordos e macios.(26)

Embora menor, o maçarico-esquimó é muito parecido com o chamado maçaricão ou maçarico-do-bico-torto (*Numenius phaeopus*), de 42 cm de comprimento, conhecido nos Estados Unidos por **whimbrel** ou **hudsonian curlew**; (27) visitante do Ártico, é relativamente abundante no norte do Brasil (subespécie *Numenius phaeopus hudsonicus*), sendo que, em Fernando de Noronha, foi encontrado, de acordo com o Prof. Helmut Sick,(28) associado a representantes europeus (subespécie *Numenius phaeopus phaeopus*), de uropígio branco.

Em **O ÚLTIMO DOS MAÇARICOS**, o autor registra a dramática reação do maçarico-esquimó, num dia do mês de junho, em pleno período reprodutivo, ao se defrontar com uma fêmea de *Numenius phaeopus* que, num primeiro momento, excitadíssimo, julgara pertencer à sua própria espécie:

"De perto, o maçarico reconheceu a plumagem mais escura e a feição

diferente, de uma espécie que não era a sua, se bem que parente próxima: a hudsônica, dos maçaricos-do-bico-torto, a que ela pertencia, fazendo parte, como ele, da grande família praieira das batuínas, areeiros e tarambolas. Mas o maçarico-esquimó sabia, mediante a intuição criada pela natureza, a fim de evitar cruzamentos estéreis, que essa não era a companheira esperada. Escorraçou-a, por um quarto de milha, com fúria tão arrebatada quanto o fora o amor de pouco antes. Depois, voltou ao território."

Somente no início do ano seguinte, o maçarico-esquimó, procedente do Ártico, encontraria, em seu quartel-de-inverno, na longínqua Patagônia, a tão esperada companheira de sua própria espécie. Pouco depois, o casal inicia o retorno para o norte, de volta ao Ártico, onde deveria chegar junto com o verão, época do acasalamento. Porém, em meados de maio, já em plena pradaria do Canadá, recém-lavrada, a fêmea, contendo em seu aparelho reprodutor um óvulo já apto para a fecundação, é atingida por um raio, em dia de sol forte, e, minutos depois, morre. Atônito, diante do inesperado acontecimento, o maçarico-esquimó, derradeiro de uma espécie quase extinta, tenta, em vão, por meio de desvairados pios, despertar a companheira; chegada a noite, exausto, adormece a seu lado. De madrugada, ainda procura, mais uma vez, chamá-la – "seus pulmões se dilatando, no entoar o canto nupcial". Sem obter resposta, vê-se forçado a prosseguir a viagem, "em silêncio, sozinho".

Se, porventura, tivesse assistido ao trágico desfecho, o velho Riobaldo, nostálgico, decerto diria, à espera de um gesto de aprovação de seu mudo interlocutor: "O pássaro que se separa do outro, vai voando adeus o tempo todo."

À guisa de arremate vale dizer que, se João Guimarães Rosa emociona o leitor ao descrever poeticamente, em **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**, o maçarico-de-coleira (*Charadrius collaris*), sob a carinhosa alcunha de manuelzinho-da-croa, o escritor-naturalista não faz por menos ao oferecer, a esse mesmo leitor, a tradução da comovente saga do maçarico-esquimó (*Numenius borealis*), na qual a verdade científica, também carregada de poesia, mostra-se mais estranha que a própria ficção.

## Notas

(1) Esse sentimento religioso pela Natureza evoca a extraordinária figura de São Francisco, o *poverello* de Assis, que chamava todas as criaturas de "irmão" ou "irmã". A propósito, o zoólogo Eurico Santos – fonte obrigatória de consulta ao se escrever um ensaio como este – faz questão de dedicar seu livro DA EMA AO BEIJA-FLOR (Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora Ltda, 1979) aos que "amam a Natureza, lhe sentem os encantos e, como São Francisco de Assis, conversam com a irmã andorinha, o irmão lobo, na linguagem universal da bondade – um esperanto que seria capaz de fazer até com que os próprios homens se entendessem".

(2) Em seu precioso DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1932), o Prof. Antenor Nascentes trata da etimologia da palavra *maçarico*, mencionando a origem remota (céltica) e a língua que serviu de veículo (espanhol), de acordo com o parecer de A. A. Cortesão, cuja obra SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO COMPLETO (HISTÓRICO-ETIMOLÓGICO) DA LÍNGUA PORTUGUESA (Coimbra: França Amado, 1900-1) aparece na bibliografia:

"Cortês deriva do esp. *moracico* (do célt. *mórbik*, ave marinha; de *mor*, mar, e *pik*, bico), donde *maracico* e por metátese do *r* e do *c* (*ç*) – *maçarico*."

A metátese (ou comutação) consiste na transposição de fonemas dentro de um mesmo vocábulo, a exemplo do que aconteceu com *semper* (latim), que originou *sempre* (italiano e português).

(3) A denominação *Archaeopteryx lithographica*, aplicada à representante das aves ancestrais ("paleoave"), significa, literalmente, "a pena antiga gravada na pedra" e foi cunhada, na segunda metade do século passado, por Hermann von Meyer, a partir de observações feitas na Alemanha, no calcário litográfico de Solenhofen (rocha formada na laguna de um antigo atol, cuja fina textura propiciou a fossilização das penas).

(4) Em seu notável livro ORNITOLOGIA BRASILEIRA, UMA INTRODUÇÃO (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984), o Prof. Helmut Sick (alemão naturalizado brasileiro, falecido em 1991) divide as aves de seu país adotivo em dois grupos: aves residentes (1.465 espécies) e aves visitantes (123 espécies). Os números entre parênteses referem-se ao recenseamento feito em 1981, abrangendo 24 ordens e mais de 80 famílias. Segundo o saudoso professor, na versão em inglês, ampliada e atualizada, da obra acima referida (Sick, H. BIRDS IN BRAZIL: A NATURAL HISTORY. Princeton University Press, 1993), o número total de espécies identificadas teria passado de 1.588 para 1.635 (sendo 1.492 residentes e 143 visitantes). Mais recentemente, Marco Antônio de Andrade coligiu um total de 1.676 espécies (LISTA DE CAMPO DAS AVES NO BRASIL. Belo Horizonte: Fundação Acangauá, 1995); porém, de acordo com o próprio autor (comunicação pessoal), esse número já foi superado, para o que têm concorrido as pesquisas realizadas em áreas até pouco tempo inexploradas.

As espécies residentes reproduzem-se no Brasil; as visitantes aqui chegam, periódica ou acidentalmente, vindas de outros países (aves migratórias), mas se reproduzem alhures. Durante suas migrações latitudinais, as espécies visitantes que provêm do norte (até do Ártico) são encontradas, no Brasil, entre setembro e abril, ao passo que as que provêm do sul (até do Antártico) são aqui encontradas entre março e outubro. Chegam mais visitantes do norte, sendo que algumas espécies são capazes de percorrer 25 mil quilômetros desde o Ártico até a Terra do Fogo, ponto mais meridional da Argentina, onde pousam para hibernar: é o caso do maçarico-branco (*Calidris alba*), o mais encontrado dos maçaricos árticos que freqüentam as praias brasileiras. Outro migrante setentrional, o vira-pedras (*Arenaria interpres*), pode cobrir 800 quilômetros em um só dia, vencendo a maior parte do percurso no período noturno.

Os fatores responsáveis pela orientação das aves visitantes em suas longas migrações são ainda mal conhecidos, acreditando-se na participação de uma disposição hereditária ou instinto; da memória da ave, associada à experiência individual; da "bússola solar"; da "bússola das estrelas" e da "bússola magnética".

(5) O maçarico-de-esporão (*Hoploxypterus cayannus*), também conhecido por batuira-de-esporão, mexeriqueira ou arengueiro, é encontrado em quase todo o Brasil, exceção feita para o extremo sul do país (Santa Catarina e Rio Grande

do Sul). Habita, sobretudo, as praias arenosas dos grandes rios da Amazônia e de Mato Grosso, não sendo muito comum em Minas Gerais. Mede cerca de 22 cm e sua identificação é facilitada pela coloração das pernas (que varia do vermelho-alaranjado ao vermelho-salmão) e pelo aspecto variegado da plumagem (donde a expressão  **pied lapwing**, em língua inglesa), destacando-se a presença de uma faixa preta no peito e outra, da mesma cor, estendendo-se de um lado e do outro, ao longo do dorso pardo-acinzentado, de modo a formar um conspicuo V maiúsculo.

Por sua vez, o quero-quero (*Vanellus chilensis*), também conhecido, particularmente em Minas Gerais, por espanta-boiada, vive em banhados e pastagens, sendo visto, também, nas estradas, não raro longe d'água. Como se fosse um "guerrilheiro alado", com "seu topete móbil, seu porte marcial e seu grito incessante", o quero-quero teria, segundo Zorrilha de San Martín (*apud op. cit.* nota 1), "a consciência do seu direito e a ilusão de sua força, baseado nas duplas puas rosadas de suas asas". Toda essa valentia é descrita por Guimarães Rosa na reportagem poética **Com o vaqueiro Mariano** (ESTAS ESTÓRIAS):

"E por susto se desferiram diante de nós, do solo, para todas as direções, os quero-queros de um ajuntamento. A ocela em cada asa seria alvo para um atirador. Foram-se, como bruxas. Dois deles, porém, mantiveram-se no lugar, tesos, juntinhos, e gritavam, com empinada resistência. Paravam bem no nosso caminho, os cavalos iriam pisá-los. Não se arredaram, entanto; giravam e ralhavam com mais força, numa valentia, num desespero.

— Eles têm ninho com ovos, por aqui... — me ensinou Mariano.

Vi que eram belos, pela primeira vez, com cores acesas. Longe de recuar, ousadíssimos, arremeteram. E, para seu tamanho, cavalos e cavaleiros seriam seres desconformes, medonhas aparições.

— A casinha deles é no chão. Tem uns, que, p'r'a gente bulir no ninho, só lutando. Vamos procurar...

A fúria do par era soberba. Andaram à roda, eriçados, e, de repente, um abriu contra Rapirrã um vôo direto, de batalha; eram bem dois pequeninos punhais, enristados nas asas, os esporões vermelhos. O outro, decerto a femeazinha, apoiava o ataque, vindo oblíqua, de revôo. Comovia a decisão deles, minúsculos, reis de sua coragem, donos do campo todo.

— Melhor a gente dar volta e deixar passarinho em paz. Não têm medo de nada! Às vezes, com esse rompante doido, eles costumam fazer uma boiada destorcer p'ra um lado e quebrar rumo...

— Melhor, sim, Mariano.

— É, sim senhor. O amor é assim."

(6) Trata-se do livro de Gabriel Augusto de Andrade intitulado NOMBRES POPULARES DAS AVES DO BRASIL (Belo Horizonte: SOM/IBDF, 1982). Como o número de espécies identificadas no Brasil, até 1982, não chegava a 1.600 (entre residentes e visitantes), o fato de o referido livro mencionar "cerca de 2.800 formas diferentes de aves nacionais já classificadas cientificamente" é

explicado pela inclusão de numerosas subespécies.

Utiliza-se o termo *subespécie* (contestado por alguns ornitólogos, incluído o Prof. Ney Carnevalli) ou a expressão *raça geográfica* (aceita, em geral, sem restrições) para identificar populações que se distinguem pelo colorido e proporções, desenvolvendo-se sob a influência do clima e de outros fatores, ambientais e genéticos. Assim, as populações que vivem em clima úmido e em mata densa (Amazônia) adquirem, geralmente, colorido mais escuro do que aquelas que vivem em clima seco, em formações ralas (cerrado, caatinga), sendo que aí atuam também as tendências miméticas, ligadas à sua sobrevivência. Quando se menciona a subespécie, a denominação da ave (em latim) ao invés de binominal, torna-se trinominal. Assim, por exemplo, o bacurau-preto ou bacurauzinho (*Chordeiles pusillus pusillus*) deveria ser distinguido do bacurau-preto-do-Amazonas (*Chordeiles pusillus septentrionalis*), na medida em que cada qual, embora pertencendo à mesma espécie, constitui uma subespécie ou raça geográfica.

Importa reconhecer, ao se tratar da classificação das aves, que o tema é bastante polêmico e que as controvérsias existentes refletem, em maior ou menor grau, duas atitudes básicas assumidas pelos taxólogos, divididos, em literatura de língua inglesa, em *lumpers* e *splitters*. Os *lumpers*, enfatizando as semelhanças entre as aves, tendem a agrupá-las, ao passo que os *splitters*, enfatizando as diferenças, tendem a separá-las.

(7) Também o NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em sua 2ª edição, revista e aumentada (1986), não reconhece a denominação manuelzinho-da-croa ao se referir ao maçarico-de-coleira. Aliás, no que concerne às aves, o citado dicionário registra, com o antropônimo Manuel, apenas o manuel-de-barro ou casaca-de-couro-da-lama (*Furnarius figulus*), pertencente ao mesmo gênero do joão-de-barro (*Furnarius rufus*) e o manuel-vaqueiro (*Certhiaxis cinnamomea*), também chamado curutié, joão-teneném-do-brejo ou, em Minas Gerais, xexeuzinho-do-brejo. Trata-se, porém, de aves inteiramente diversas, da família Furnariidae (ordem Passeriformes).

(8) Nesses quase 30 anos dedicados à Ornitologia, merecem destaque, entre outras, duas contribuições do Prof. Ney Carnevalli para o conhecimento da avifauna nacional: a identificação, em 1983, durante 55 dias de permanência no Vale do Jequitinhonha, de 45 espécies que, embora conhecidas, ainda não tinham sido identificadas no Estado de Minas Gerais, e a classificação, juntamente com seu ex-aluno Dante Martins, de duas espécies novas, pertencentes às famílias Tyrannidae e Rhinocryptidae (ordem Passeriformes).

(9) *Op. cit.* nota 1.

(10) Guimarães Rosa, com sua linguagem peculiar, refere-se às duas espécies. Ao anu-branco, em **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**: "Essa Nhorinhá tinha lenço curto na cabeça, feito crista de anu-branco"; à alma-de-gato, em **A estória do homem do pinguelo (ESTAS ESTÓRIAS)**: "O cochicho quase – imitante, irônico – da alma-de-gato, soliloqua."

(11) Os nictibiídeos são aves de hábitos noturnos, de vôo silencioso como o das corujas (mais deslizam do que propriamente voam), dotadas de um "olho

mágico" (através de fendas nas pálpebras superiores conseguem observar tudo ao redor, mesmo com os olhos, grandes e salientes, totalmente fechados) e de notável capacidade de camuflagem ("mimetismo de galho"); seu canto, ouvido nas noites enluaradas (em geral a partir do mês de outubro), adquire entonações macabras, como se fosse um lamento humano (cinco a sete gritos consecutivos, de início roucos, numa seqüência descendente, amortecendo terminalmente). O urutau ou mãe-da-lua parecia exercer grande fascínio sobre Guimarães Rosa que, utilizando indistintamente as duas denominações, refere-se à ave de forma iterativa em sua obra:

"O urutau, que o canto dele encantado de gente, copiando: é um homem ou mulher, que estão sendo matados, queixas extremas." / "Mas a mãe-da-lua, se vê mesmo uma estrela caindo com fogo rastro, ela esgrita:... *Foi, foi, foi, foi!*..." / "O urutau, em veludo."

### Buriti (NOITES DO SERTÃO)

"De trás de lá, no mato da grota, mãe-da-lua cantava: — '*Floriano foi, foi, foi !...*'"

### Campo Geral (MANUELZÃO E MIGUILIM)

"Por longe, a mãe-da-lua suspirou o grito: — *Floriano, foi, foi, foi...* — que gemia nas almas. Então, era que em alguma parte a lua estava se saindo, a mãe-da-lua pousada num cupim fica mirando, apaixonada abobada." / "Era da borda-do-campo que a mãe-da-lua sofria seu cujo de canto, do vulto de árvores da mata cercã." / "O senhor não escutou, em cada anoitecer, a lugugem do canto da mãe-da-lua." / "... e carecia de se acender maiores fogueiras, porque, do cheio oco do escuro, podia vir cruzar permeio à gente algum bicho estranhão: formas de grandes onças, que rodeando esturravam, ou a mãe-da-lua, de vôo não ouvido, corujante." / "Só o cachorro mateiro, que sai de debaixo dos silêncios, e um *ô-ô-ô* de urutau, muito triste e muito alto."

### GRANDE SERTÃO: VEREDAS

"Nhor não. Isso é zoeira de outros bichos, curiango, mãe-da-lua, corujão-do-mato, piando. Quem gritou foi lontra com fome. Gritou: — Irra! Lontra vai nadando vereda-acima. Eh, ela sai de qualquer água com o pêlo seco..."

### Meu Tio o Iauaretê (ESTAS ESTÓRIAS)

(12) Dotado de um espírito inquieto e uma personalidade marcante, movido por uma curiosidade inesgotável e sempre disposto a experimentar as mais fortes sensações, o capitão inglês Sir Richard Francis Burton (1821-1890) teve uma vida rica e multifacetada: foi viajante contumaz (bastando dizer que passou cinco anos na África, sendo três no Egito, e oito anos na Índia), explorador, aventureiro, militar, agente secreto (no auge do avanço imperialista da Grã-Bretanha), cientista, poliglota (consta que falava 29 línguas, além de alguns dialetos), membro da Royal Geographical Society, tradutor, escritor fecundo e diplomata de carreira, sendo que, nessa condição, veio para o Brasil (foi cônsul da Inglaterra em Santos), aqui permanecendo entre 1865 e 1869. Durante esse período, tornou-se amigo de D. Pedro II, acompanhou *in loco* a Guerra do Paraguai (travando conhecimento com Francisco Solano López e Madame Lynch) e viajou pelo interior do país, reunindo suas observações

(sempre muito detalhadas) no já citado livro EXPLORATIONS OF THE HIGHLANDS OF THE BRAZIL; **with a full account of the gold and diamond mines. Also, canoeing down 1.500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea** (London: Tinsley Brothers, 1869), em dois volumes, traduzido para o português por David Jardim Jr. e publicado pela Livraria Itatiaia Editora Ltda /EDUSP, em 1976-1977, também em dois volumes, com os títulos VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MORRO VELHO (contendo o capítulo **O mineiro**) e VIAGEM DE CANOA DE SABARÁ AO OCEANO ATLÂNTICO (de onde foram extraídos os trechos reproduzidos neste ensaio). Em sua versão original, em inglês, o notável livro de Richard F. Burton pode ser encontrado em Sabará (MG), na antiga Casa da Intendência (1730), hoje Museu do Ouro.

Não contente em publicar apenas obras originais (que atingem mais de três dezenas), Burton traduziu para o inglês AS MIL E UMA NOITES (os célebres contos árabes, em 16 volumes), dois clássicos do erotismo indiano, o KAMA SUTRA e o ANANGA RANGA (**Ars Amoris Indica**), bem como OS LUSÍADAS e a lírica de Luís de Camões.

Em 1991, foi publicada no Brasil, pela Companhia das Letras, sua biografia (SIR RICHARD FRANCIS BURTON – **o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o *Kama Sutra* e trouxe *As mil e uma noites para o Ocidente***), de autoria de Edward Rice, com tradução de Denise Bottmann. Referindo-se ao explorador inglês (que terminou seus dias como cônsul em Trieste), assim se exprime Rice:

"Se um autor vitoriano do mais romântico estofado tivesse criado o capitão Sir Richard Francis Burton, o público e a crítica, naquela época tão racionalista, decerto criticariam o personagem como uma figura muito implausível e radical demais."

(13) Segundo o NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em sua 2ª edição (1986), revista e aumentada, *coroa* (ou *croá*) significa "baixo, persistente ou temporário, produzido por aluviões, no estuário e no baixo curso dos rios e lagoas". Quem o explica, de forma mais alentada, é o próprio capitão Sir Richard F. Burton (VIAGEM DE CANOA DE SABARÁ AO OCEANO ATLÂNTICO, capítulo V, pág. 59), que observou tais formações quando navegava pelo Rio das Velhas, afluente da margem direita do São Francisco:

"A coroa é a *sand-bar* (barra de areia) dos rios norte-americanos, uma ilha no rio, mas muito diferente de nossa *bolm* ou ilhota. Ocorre, em sua maioria, como observei a respeito das cachoeiras, na foz de algum ribeirão ou córrego, onde o afluxo da água fresca retarda a correnteza, e esta, muitas vezes, deixa acumular detritos sobre pedras soltas ou saliências rochosas. A correnteza se separa para cada lado, deixando no centro uma convexidade, nua como a cabeça raspada de um índio coroadado, e de todos os tamanhos, desde jardas até acres. A água é rasa acima dela, profunda embaixo, em ambos os flancos e nas reentrâncias e concavidades onde os peixes gostam de mergulhar e em cujas margens o gado gosta de tomar sol. Quando a formação é muito lenta, os troncos flutuantes passam por cima dela; em caso contrário, os troncos de árvores são, em geral, encontrados em ambas as margens, e deve-se ter cuidado com os troncos submersos, especialmente perto da cabeça, isto é, rio acima. Muitas vezes, a

coroa é dupla, ou mesmo tríplice; é sempre alongada no sentido da correnteza do rio; jamais circular, como nas formações lacustres, e as orlas ou se nivelam com a água ou se erguem, como precipícios liliputianos.

A superfície é coberta de cascalho, com pedras de todos os tamanhos, desde uma polegada até um pé, que se destacam das margens e são arrastadas pelas cheias. O material é, sua maior parte, constituído de quartzo, em suas formas protéicas, jaspe, pedra de toque, pingos d'água (*quartzum nobile*) cristalizado, estratificado e quase sempre vermelho ou cor de ferrugem, devido à presença de ferro. Há, também, muito arenito, pedra calcária e clorita, que podem ou não conter ouro, juntamente com bocados de canga ou conglomerado ferruginoso, dádiva da região de rio acima. Em certos lugares, a areia é muito solta, deixando-se penetrar pelo pé ou pelo calcanhar. Nas depressões, onde se acumula a água das chuvas, ficam grandes lençóis de lama, com 7,5 a 10 centímetros de espessura, e, em todos os lugares por onde se estendem as águas, os seixos, na estiagem, apresentam-se cobertos de um limo seco, cuja base pode ser cascalho, areia macia ou lama endurecida. Essas coroas puras e simples são freqüentadas por gaivotas e andorinhas do mar, gaviões e martins-pescadores, patos e garças, mergulhões, maçaricos e outras aves que serão mencionadas.

Uma vegetação difusa de árvores enfezadas e capim de um verde acinzentado e arbustos forma-se, começando, geralmente, na extremidade à jusante e, assim, a barra de areia se veste de mato."

Em nota à parte, ao final do mesmo capítulo (pág. 68), Richard F. Burton arremata, ainda se referindo à "coroa":

"Pronunciada *c'roa* ; é o latim *corona* e, certamente, não pode ser escrita, como o Príncipe Max., *corroa*. Esse acidente geográfico se opõe a 'praia', um banco de areia ligado à margem do rio. Os tupis chamam à primeira *ibi cui oçu*, 'coroa de areia' e à última *ibi cui*, 'praia'; para eles, *cua* era a várzea do rio, sujeita à inundação, e *coara*, literalmente buraco, era uma enseada, onde as canoas podiam encostar."

Nas edições alemã (Colônia – Berlim: Kiepenheuer & Witsch, 1964), espanhola (Barcelona: Editorial Seix Barral, 1967), italiana (Milão: Feltrinelli Editore, 1970) e holandesa (Amsterdã: Meulenhoff, 1993) de **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**, os tradutores Curt Meyer-Clason, Angel Crespo, Edoardo Bizzarri e August Willemsen referem-se à *coroa* ou *croa* (e, por conseguinte, ao *manuelzinho-da-croa*), utilizando, respectivamente, os termos **Sandbank** (donde *Der-kleine-Manuel-der-Sandbank*), **banco** (donde *manolito-del-banco*), **greto** (donde *manuelzinho-del-greto*) e **zandbank** (donde *manuelzinho-van-de-zandbank*).

(14) Isso porque, além de referir-se, de forma explícita, ao gênero *Scolopax* (pertencente à família Scolopacidae), Burton utiliza, ao comparar o *manuelzinho-da-croa* (ou *manuelzinho-da-coroa*) com o que ele chama de "nosso maçarico", a expressão "*our sandpiper*", como se pode ver no mesmo trecho, em sua versão original, em inglês (EXPLORATIONS OF THE HIGHLANDS OF THE BRAZIL, vol. II, capítulo XII, pág. 179):

"For the first time we found the *Corôa* well stocked with birds. The *Urubú* scavenger,

*regardless of the rifle, expanded his wings to the sun, and looked as if it wore a silver back. Small Charadriidae hopped gleesomely about the sands, together with Manuelzinho da Corôa – little Emanuel of the Sandbar – a Scolopax with red-stockinged stilts, much resembling our sandpiper."*

Em língua inglesa, as aves limícolas da família Charadriidae são conhecidas por **lapwings** (p. ex. *Vanellus chilensis*) ou **plovers** (p. ex. *Charadrius collaris*), ao passo que aquelas da família Scolopacidae são conhecidas por **snipes** (p. ex. *Gallinago gallinago*) ou **sandpipers** (p. ex. *Numenius borealis*).

Deve ser ressaltado que Guimarães Rosa conhecia o livro de Burton a ponto de citar, na íntegra, o trecho acima reproduzido, em carta datada de 28/VI/1963, enviada ao tradutor Curt Meyer-Clason. Na referida carta (cuja cópia pode ser encontrada no **Arquivo João Guimarães Rosa** do INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS da Universidade de São Paulo), o escritor mineiro chega até mesmo a sugerir a inclusão das palavras do explorador inglês a respeito do manuelzinho-da-croa – dando a entender que as endossava – no glossário da edição alemã de **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**; ademais, faz questão de chamar a atenção para o caráter simbólico da ave, no contexto do romance, elegendo-a como um de seus "motivos" ("...porque o manuelzinho-da-croa, no livro, representa um dos 'motivos', tomado como símbolo...").

(15) Comprova-o a cena final (capítulo XXV) do seriado **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**, levado ao ar, em 1985, pela Rede Globo de Televisão, com direção de Walter Avancini: coincidindo com a referência ao manuelzinho-da-croa, aparece a atriz Bruna Lombardi (no papel de Diadorim) dando liberdade a uma ave inteiramente diversa, da ordem Passeriformes.

(16) Em 1816, chegou ao Rio de Janeiro o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), juntamente com o zoólogo Antoine Delalande. Acompanhado, inicialmente, do Barão de Langsdorff, da Academia de Ciências de São Petersburgo – o homem "mais ativo e infatigável" que encontrara até então –, Saint-Hilaire viajou pelo Brasil até 1822, tendo colecionado mais de 7.000 espécies de plantas, das quais umas 4.500 eram desconhecidas dos cientistas; além disso, capturou numerosos exemplares de aves. Delalande, mais interessado em beija-flores, foi forçado a antecipar seu retorno à Europa, não podendo levar suas investigações além dos arredores da cidade do Rio de Janeiro. Coube a Louis J. P. Vieillot, a partir de 1818, a classificação das espécies novas capturadas pelos naturalistas franceses, incluídos o beija-flor-de-topete, batizado, em homenagem ao próprio Delalande, de *Stephanoxis lalandi*, e o maçarico-de-coleira, batizado de *Charadrius collaris*.

(17) A respeito da distribuição geográfica da espécie *Charadrius collaris*, veja-se o volume 1 – SPHENISCIDAE (**Penguins**) TO LARIDAE (**Gulls and allies**) – do notável MANUAL OF NEOTROPICAL BIRDS (Chicago and London: The University of Chicago Press, 1977). Fruto de 48 anos de pesquisas no campo e no laboratório, o livro é de autoria de Emmet Reid Blake, Emeritus Curator of Birds at the Field Museum of Natural History, USA.

(18) O manuelzinho-da-croa (*Charadrius collaris*) assemelha-se bastante ao chamado **common ringed plover** (*Charadrius hiaticula*), já que este exhibe, a exemplo daquele, uma faixa preta no peito, embora seja um pouco maior

(mede cerca de 19cm) e tenha as pernas alaranjadas, e não rosadas, como, aliás, acontece também com a chamada batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*), visitante norte-americana encontrada em todo o litoral brasileiro e em quase tudo semelhante (a ponto de serem considerados coespecíficos). A respeito da distribuição de *Charadrius hiaticula* na Europa (incluída a Inglaterra, país de origem do capitão Richard F. Burton), veja-se o livro AVES ACUÁTICAS (título do original alemão: WASSERVÖGEL), de Frieder Sauer (Barcelona: Editorial Blume, 1984). Veja-se, também, o volume 3 (**Somormujos, garzas, anátidas, grullas, limícolas, gaviotas y otros**) do notável GUÍA DE AVES (título do original alemão: VÖGEL – **Band 3: Taucher, Entenvögel, Reiher, Watvögel, Möwen u. a.**), de Einhard Bezzel (Madrid: Ediciones Pirámide, S. A., 1988). Pelo que foi dito acima, se Burton tivesse realmente avistado, quando navegava pelo Rio das Velhas, exemplares da espécie *Charadrius collaris*, não lhe teria sido difícil lembrar-se da espécie *Charadrius hiaticula*, encontrada em sua terra natal; nesse caso, porém, ao invés de escrever "*much resembling our sandpiper*", esperar-se-ia que ele escrevesse "*much resembling our plover*".

(19) A exemplo do que acontece com os demais caradriídeos, as presas são localizadas visual ou acusticamente, sendo apanhadas à flor das águas rasas ou da lama; no caso dos escolopacídeos (exceção feita para os gêneros *Arenaria*, *Tringa* e *Actitis*) as presas (em parte de hábitos subterrâneos) são localizadas, sobretudo, pelo tato, já que a ponta do bico é dotada de grande sensibilidade.

A respeito das preferências alimentares da espécie *Charadrius collaris* (estudadas comparativamente com as preferências alimentares das espécies *Charadrius semipalmatus* e *Charadrius wilsonia*), veja-se: Strauch, Jr., J. G. & Abele, L. G. Feeding ecology of three species of plovers wintering on the bay of Panama, Central America. STUDIES IN AVIAN BIOLOGY (**A publication of the Cooper Ornithological Society**) 2:217-30, 1979. Pela análise do conteúdo estomacal, concluiu-se que as presas ingeridas por representantes das três espécies consistiam, predominantemente, de crustáceos (96%) no caso de *Charadrius wilsonia*, de vermes do filo Annelida, classe Polychaeta (82%) no caso de *Charadrius semipalmatus* e de insetos (50%) e crustáceos (27%) no caso de *Charadrius collaris*.

(20) *Op. cit.* nota 4.

(21) *Op. cit.* nota 1.

(22) Referindo-se a esse trecho de GRANDE SERTÃO: VEREDAS, afirmou o Prof. Ângelo B. M. Machado (da UFMG) em discurso proferido por ocasião da abertura da XXVII Reunião Anual da SBPC (Belo Horizonte, 9 de julho de 1975):

"Senhores, o dia em que a maioria dos brasileiros, como Diadorim, aprender a apreciar, 'por prazer de enfeite', a vida mera dos pássaros, então a nossa natureza estará salva do mesmo modo que os amigos dos pássaros da Audubon Society salvaram o parque de Everglades na Flórida, uma das regiões do mundo onde a vida selvagem é mais exuberante."

O discurso do Prof. Ângelo Machado foi publicado no periódico CIÊNCIA E CULTURA (27:935-7, 1975), sob o sugestivo título **Mentalidade conservacionista**. Aliás, o emblema da XXVII Reunião Anual da SBPC

mostrava, em consonância com o tema abordado pelo eminente professor, a figura de um pássaro morto acompanhada de um angustiante *Por quê?*

(23) Natural de Juiz de Fora, o premiado artista plástico Arlindo Daibert (1952-1993) era um apaixonado pela cultura brasileira e, em particular, pela obra rosiana. Ademais, acreditava firmemente nas imensas possibilidades interativas entre as artes plásticas e a literatura, demonstrando-o, à saciedade, na exposição **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**, constituída de 50 desenhos e 20 xilogravuras, na qual, em vez de limitar-se à ilustração pura e simples, propõe uma leitura visual instigante, criativa e, até mesmo, transgressora – no bom sentido – do romance de Guimarães Rosa. A mostra foi promovida pela UFJF/PROEP e contou com o apoio da FAPEMIG, sendo aberta ao público em 30/IX/1993, no Centro Cultural da UFMG (Belo Horizonte), cerca de um mês após a morte prematura do artista. Entre os desenhos, pôde-se ver, acompanhada da sugestiva legenda, em alemão, "*Inneres und Äusseres sind nicht mehr zu trennen*", a representação do manuelzinho-da-croa (*Charadrius collaris*), concebida a partir da cópia de uma figura do MANUAL OF NEOTROPICAL BIRDS (Vol. 1), de Emmet R. Blake, que lhe fora enviada, em 1985, pelo autor deste ensaio, devidamente orientado pelo Prof. Ney Carnevalli. Extraída do livro DER WEST-ÖSTLICHE DIWAN, do poeta alemão Goethe, a expressão "*Inneres und Äusseres sind nicht mehr zu trennen*" foi citada por Guimarães Rosa durante o importante diálogo que manteve com Günter Lorenz por ocasião do Congresso de Escritores Latino-Americanos realizado em Gênova, em 1965.

Importa ainda assinalar que, a exemplo de Arlindo Daibert, um outro artista mineiro, também versado na obra rosiana, rendeu-se aos encantos da graciosa ave ribeirinha. Trata-se do instrumentista, cantor e compositor Tavinho Moura que, no CD intitulado CABOCLO D'ÁGUA (Velas Produções Artísticas Musicais e Comerciais Ltda), interpreta a música (de sua autoria) **Manoelzim da Croa** (solo de viola com acompanhamento, ao violão, de Beto Lopes). Nada mais pertinente, pois a viola, trazida pelos portugueses e já referida por Fernão Cardim nos primórdios da colonização brasileira (séc. XVI), é o único instrumento musical mencionado em **GRANDE SERTÃO: VEREDAS** e aquele que melhor reflete a alma sertaneja, como ensina Riobaldo: "Eu queria estar-estâncias: dos violeiros, que tocavam sentimento geral." Veja-se, a propósito, o livro de Leonardo Arroyo intitulado A CULTURA POPULAR EM **GRANDE SERTÃO: VEREDAS** (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984).

(24) Ao afirmar que seu desejo seria continuar a corrigir até o fim de sua vida, Guimarães Rosa parece dar razão a Thomas Mann (1875-1955), autor de A MONTANHA MÁGICA e DOUTOR FAUSTO, quando diz: "Um escritor é alguém para quem escrever é mais difícil do que para as outras pessoas"; ao que se poderia acrescentar: "não obstante, ele não consegue deixar de fazê-lo." Isso porque, a despeito do quanto lhe possa custar, o que conta, para o espírito criador, é, sobretudo, o fazer, a busca, o percurso – não o ter feito, o achado, o ponto final. Diante da obra acabada, todo grande artista, dotado de uma sensibilidade aguçada, sempre à flor da pele, costuma experimentar uma certa insatisfação, fruto da incômoda sensação de ter ficado aquém de sua própria expectativa. Aliás, no discurso que pronunciou, em 1937, na Academia Brasileira de Letras, em agradecimento ao prêmio que lhe fora concedido pelo livro de poemas **MAGMA**, não é outro o tom do escritor cordisburguense:

"E o incontentamento é o seu clima, porque o artista não passa de um místico retardado, sempre a meia jornada. Falta-lhe o repouso do sétimo dia. Não tem o direito de se voltar para o já feito, ainda que mais nada tenha por fazer.

A satisfação proporcionada pela obra de arte àquele que a revela é dolorosamente efêmera: relampeja, fugaz, nos momentos de febre inspiradora, quando ele tateia formas novas para a exteriorização do seu magma íntimo, do seu mundo interior. Uma tortura crescente, o intervalo de um rapto e um quase arrependimento. Pinta a sua tela, cega-se para ela, e passa adiante." (**Revista da Academia Brasileira de Letras** 53:261-3, 1937. *Apud* JORNAL DO BRASIL, **caderno B**. Domingo, 7 de janeiro de 1996).

(25) Referindo-se ao maçarico-esquimó (*Numenius borealis*), afirma o ilustre professor em seu livro ORNITOLOGIA BRASILEIRA, UMA INTRODUÇÃO, publicado em 1984: "Entre os últimos registros da espécie estão um de Louisiana e outro de Massachusetts, ambos durante a migração do ano de 1970; em 1976 em James Bay, Ontário, Canadá." Já no livro THE AUDUBON SOCIETY FIELD GUIDE TO NORTH AMERICAN BIRDS (**Eastern Region**), publicado por Alfred A. Knopf, em 1977, os autores, John Bull e John Farrand Jr. (Ornithology Department of The American Museum of Natural History) consideram a espécie "*virtually extinct*". Por outro lado, no notável THE AUDUBON SOCIETY MASTER GUIDE TO BIRDING (Vol.1: **Loons to sandpipers**), também publicado por Alfred A. Knopf, em 1983 (Editor: John Farrand, Jr.), a colaboradora Claudia Wilds denuncia a chacina de que foi vítima a espécie ("*This species was once extremely abundant, but was slaughtered by the thousands both along its migration routes in North America and on its wintering grounds in South America. Since the end of the 19th century it has hovered near extinction*"); mas, em seguida, acena com um pouco de otimismo ("*Recently, however, there has been evidence of birds nesting in the Northwest Territories, and well documented sightings every few years along the traditional migration routes, especially on the Texas coast in spring and on the Atlantic coast in summer and fall*").

(26) O acúmulo de tecido adiposo fornece aos maçaricos o combustível necessário para executar as longas migrações. Em palestra (MIGRAÇÕES DE AVES) proferida durante o **I Encontro Nacional de Anilhadores de Aves**, no Campus da Universidade Federal de Viçosa (MG), em janeiro de 1985, o Prof. Helmut Sick fez referência a esse fenômeno, mencionando, de passagem, o maçarico-esquimó:

"Quando examinamos, p.ex., maçaricos migrantes, verificamos que eles quase 'pingam' de gordura. A gurizada do Nordeste, p. ex. no Ceará, aproveita-se dessa fonte fácil de proteínas: eles apanham os maçaricos, como *Calidris* e *Tringa*, com anzol na praia. Uma dessas presas cobiçadas neste continente, também no Brasil, era o maçarico-esquimó, *Numenius borealis*, hoje praticamente extinto." *Apud* Andrade, M. A. A VIDA DAS AVES (**Introdução à biologia e conservação**). Belo Horizonte: Editora Littera Maciel, 1993, pág. 69.

Natural de Leipzig, o Prof. Helmut Sick, tantas vezes citado neste ensaio, era dotado de um extraordinário espírito científico. Para demonstrá-lo, basta reproduzir um trecho da apresentação de seu livro ORNITOLOGIA BRASILEIRA, UMA INTRODUÇÃO, de autoria do poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade:

"Recém-casado, teve a má sorte de embarcar para o Brasil às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Deixou a esposa na Alemanha e veio embrenhar-se nas matas do Rio Doce, no desempenho de missão científica resultante de convênio internacional. O Brasil entra na guerra, e todo alemão passa a ser considerado espião perigoso, mesmo em potencial; pelo sim pelo não, é internado na Ilha Grande. Aí, não podendo estudar aves em sua cela, estuda míseros companheiros de solidão: pulgas, percevejos, cupins – só destes últimos, identifica onze espécies desconhecidas."

(27) A respeito da denominação **hudsonian curlew** aplicada, em inglês, ao maçarico-do-bico-torto (*Numenius phaeopus*), veja-se: Bull, J.& Farrand, Jr., J. *op. cit.* nota 25, pág. 398.

(28) *Op. cit.* nota 4.

### **Agradecimentos**

A Acir Pimenta Madeira Filho, Ana Maria Lages Rocha, Carlos Alberto Franco Faria, Haroldo de Almeida Marques, Haroldo Palo Júnior, Iná Valéria Rodrigues Verlangieri, Jacques Vielliard, José Carlos Savassi Rocha, Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti, Maria Neuma Cavalcante, Mônica Meyer, Ney Carnevalli, Olavo Romano, Paulo Roberto Savassi Rocha, Pedro Paulo Moreira, Virgílio Augusto Fernandes de Almeida e Vivaldi Moreira, pela inestimável colaboração. Aos funcionários do Museu Casa Guimarães Rosa, sediado em Cordisburgo, e do Museu do Ouro (antiga Casa da Intendência), sediado em Sabará, pela atenção dispensada.